



IGOR FAGUNDES
[O R G A N I Z A Ç Ã O]

VIRAL

DANÇA & OUTRAS DISSEMINAÇÕES

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

[ESCRITAS CONTAMINADAS]

*Procuro alcançar-te
com palavras
com palavras
conhecer-te*

*como quem
com uma lanterna e um mapa
crê empreender
a descoberta do mundo*

*levanto-me
estou sozinha no escuro
com os dois pés
no cimento frio*

*(onde estás
no que escrevi?)*

[Ana Martins Marques]

*[...]
vamos
a história está esperando
o começo
da narrativa*

[Danielle Magalhães]



Fragmento gerúndio¹

MARIA IGNEZ DE SOUZA CALFA

Por que danço? Por que escrevo?

Escrevendo, dançando, vou pensando, vou trocando de lugar. Às vezes, de ponto de vista. Da palavra ao gesto, entre a palavra e o gesto, o corpo se colocando em reviravoltas, desengessando conceitos e abrindo espaço – espaços – às narrativas da dança.

Parando, correndo, equilibrando-me entre outros corpos, saltitando entre os nomes e as coisas que brotam do chão... Deixando o calor tomar corpo, distrair o pensamento, arejar a escrita e abrir as janelas para olhar, entre grades, lá fora. Olhar, entre grades, aqui dentro, onde existem janelas e grades também. Deito em cada uma das palavras para ver se me fecundam. Deito nos movimentos gerúndios que o outro me traz, tentando descobrir o que faz e como se faz. O universo, *fazendo-se*, se mostra múltiplo, levando-me a balançar levemente, para frente e para trás. Se, por ora, paraliso, fico atenta à estagnação do saber. Perguntando, repouso no presente: o que me prende aqui? O corpo querendo partir, sair do lugar, quase voando, agora caminhando em passos lentos. Pés se desviando de um percurso. Deslizando... Nesse ritmo, escrevendo em círculos o gosto de um dizer, o gozo da linguagem. Escrever é uma experiência sensorial...

Pelo tato, entro em contato com um sabor no saber, às vezes, rançoso, tal qual manteiga velha, havendo, também, sabor em *não-saber*. Relacionando multiplicidades que se apresentam, entre cheiros e

1. Encerrando sua longa e profícua carreira como artista, pesquisadora e, principalmente, professora de Dança na UFRJ, Maria Ignez de Souza Calfa oferta este pequeno fragmento para celebrar o encontro de corpo e palavra, que sempre lhe foi caro. Se, por um lado, sua travessia pela Dança na UFRJ chega ao *fim*, por outro, o *princípio* da minha se dá com Ignez: foi ela quem me chamou para *escrever a dança*. Por isso, abre comigo esta obra.



texturas; procurando, em cada corpo-a-corpo, ver possibilidades em todo limite. Eu gosto de ver!

Ver pela sensação parece-me o ensejo de tornar visível a invisibilidade da fala que ali se anuncia, um testemunho que nas bordas desenhem o desejo da escrita, a necessidade de escrever, questionando-me: quem é o dono da palavra?

Quero a palavra que não limita, mas que desafia o livre pensar, que não fique presa às reproduções, às representações, impedida de gerar as infindas interpretações na potência da criação.

Escrevemos com o corpo (diz, aqui, em meu corpo, ao meu corpo, o poeta Manoel de Barros: ele sabe que *poesia não é para entender, mas para incorporar*): as palavras são tecidas como peles que me vestem, um convite que me instiga à presença, ao diálogo com ela, ao questionar. A palavra lançada pelo corpo também lança o corpo. Lança o olhar junto a um outro, no entre-mundos.

Em outra parte do corpo (tomo-o como o livro em que me encontro em *fragmentos*), escuto novamente Manoel de Barros (eu o sinto mais do que o cito ou transcrevo): “Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos. / (...) / Não gosto de palavra acostumada”. Brotando palavras no corpo, quero mostrar no gesto o seu sentido. Seus sentidos. Caminhos na dança que se dá pela *coreografia da escrita*: espaço corporificando, coreografando. Quero tratar a palavra em seu estado dinâmico e interpretativo, no empenho de encontrar – você[s]?

Falo corpo em cada palavra, no jogo que se tece dentro e fora da página. Falo e não sei de onde você[s] me escuta[m], mas quero a palavra lançada, falada, silenciada, atravessada de tempo-espço, corporificada. É preciso *corporificar*: escutar, cuidar, gestar, parir, conforme me ensina também Guimarães Rosa: é preciso *chocar as palavras*. Deixar nascer. Assim como o dançar, entre o fragmento e o gerúndio, a interrupção e o contínuo, o escrever é sempre inacabamento... E, sem acabar, é *princípio* – de movimentos...





Tubos de ensaio

IGOR FAGUNDES

[a dança no tubo do poema]

Eu planejava experimentar um livro_laboratório
de danças_textos, para testar vivo o corpo *in vitro*,
entre paredes, no tubo da distância ditada por um vírus,
quando assumi, no programa de mestrado, a disciplina que roga
ao *confinado* na ABNT uma zona de respiro. E um alívio no escrito
ali no meio da pátria bandeira: creio que *ordem e progresso*
são espécies, pelo avesso, de pandemias, no mínimo, étnicas.¹

1. “Laboratórios de Produção Textual em Dança” é uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDan) da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). ABNT é a sigla da Associação Brasileira de Normas Técnicas, regente dos textos científicos e acadêmicos. Como lembra Ciane Fernandes (2013), “a separação e relação de poder entre a natureza fugaz e sinestésica da dança e as restrições da escrita acadêmica são permeadas e transformadas através de abordagens em movimento, coerentes com a dança (...) as regras acadêmicas de escrita (...) impõem um pensamento lógico muitas vezes linear (...) Não se trata apenas da escrita em si mesma, mas do processo da pesquisa, que se configura como métodos científicos de formato distinto da prática dançada (...) Como escrever uma dissertação e/ou uma tese no campo da dança, sendo coerente com a(s) dança(s), isto é, *escreverdançando* ou *dançarescrevendo* como atos de igual valor, constituição e consistência? (FERNANDES, 2013, p. 1; 3). Aqui, *pratico dança na escrita* teórica, mas, sobretudo, *escrevo teoria* como *prática artística, poética*. Na performatividade da linguagem tratada, pelo menos, desde Austin, a questão não é mais “como fazer coisas com palavras” (AUSTIN, 1975), mas, sim, “como ser dinâmico com palavras”. Por *dinâmico* entendo a variação relacional e gradual entre ação e pausa, e não simplesmente o movimento incessante, na lembrança de que um ato de fala (uma escrita como ato de fala) pode encetar uma *ação*: “casos e sentidos em que *dizer* é *fazer* algo; ou em que, por dizermos ou ao dizermos algo, estamos fazendo algo” (AUSTIN, 1990, p. 29). Em tal contaminação de *dizer-fazer*, a palavra “ensaio” se disseminará, variando e variante nos domínios da dança e da literatura, ora ensaiados *con-fusos* quando sob a rasura epistêmica & epidérmica – étnica & ética, política & poética – das macumbas.





Mas havia esta outra pandemia, inédita, a impor *desordem* na rotina, laboratórios de testes de fôlego, forças, e de quem vai à força nos testes da esperança, da coragem e do tal novo coronavírus. Desde o início de 2020 [ano que, parado, avança a mais quantos?], venho testando *poesia, música e dança* como vacinas ou remédios. No dia em que nasci, experimentei **Macumbança** (FAGUNDES, 2020) na época de treva em que morri toda semana.² A trinca das artes, um trevo de ruas que avança aqui dentro de casa. O corpo, encruzilhada entre o morto [e já vivo?] e um vivo [e já morto?]: *regresso* aos mitos originários do povo que matam, mas herdo e, hoje, como professor_artista_etc, aprendo a ensaiar, no ínfimo, lugares por onde o findo escoe.

Aula: o *ensaio diário* dos dias todos. Não só o laboratório que fundou a *pesquisa* como o ouro da universidade e sempre partícipe do par *ensino-aprendizagem*.

Extensa, a aula, ao social, ao sanitário, ao pandêmico: aprendo ainda o estado de *lockdown* [em meu corpo, não suspenso]. Pesquiso esse tal de estar *on* mesmo *off*, ser-com sendo só. Clonazepam quando, *out*, a saúde mental. O modo remoto de educação se instalou e a expressão “não presencial” revolve a questão: *presença* – o que chamo? Que penso ser *próximo*? O mendigo outrora ao lado, já antes isolado? O sol que, a anos-luz, rebenta a pele, queima, talvez alguma vitamina D produza? A lua que orbita em útero e acende, solene, a solidão noturna? O Pai Nosso, que estais no céu, onipresente no quarto e, súbito, não mais, apenas no templo que reúne mercenários? Não mora Jesus aqui dentro? Um deus *orixá* me prova *terreiro* no escritório

2. Livro lançado em meu aniversário de 5 de dezembro de 2020, como *transgressão* (e, não, *subversão* da episteme acadêmica), porque *sem exclusão* – mas suplementação *encruzilhada* – de saberes, seres e potências dos gêneros de gente e gêneros de texto.





onde incorporo livro, vela, tela de computador [janela/porta aberta a quem de longe vem e, supostamente *além*, me afeta]: parentes, amigos, colegas, santos, deuses, tantos quantos a fé e o fôlego alcancem. Vou rezando aos que nome nem têm, aos que – existem? sei não! – e, em silêncio, me dizem: “Desculpe, mortal, não temos nada a ver com isso – vire-se! É sua, a [des]conexão [virtual_real]. Continuamos rentes, remotamente. Você que inventa a separação vírus_gente, real_ficção, divino_humano, o ausente e o presente.

Há mais de um ano, eu cursava uma vida, chamada ou não, “Laboratório Textual de Dança”, deitando algum céu sobre o chão onde a decana formiga trazia as lições. Se a matéria estreia adiante, em 5 do 5, repete só o único plano possível de antes: *testar, ensaiar*, com mestrandos, o instante. Docente, viro aluno da turma já mestra no turvo, no luto, na dança [ou rara, ou intrusa] no curso dos testes. Se busco um remédio, remendo a ementa [“propor às pesquisas em desenvolvimento escritas de dança a partir de poemas”]. *Poesia* alcança o sucesso ao falhar, por falhar o duplo de presença_ausência; qualquer sentença sóbria, clara e última. *Poesia* disfarça, na página, o que, em *dança*, se sonda na fuga [transcrevo abaixo o texto lido, dito em *notebook*, pixels, *zoom*, áudio, microfone, e com textura_cheiro de estudante nenhum na aula primeira e que podia, se eu partisse, nascer derradeira]:

[a dança no tubo de ensaio]

Nada de *exato* [fora [ex-] do *ato*], o laboratório cujos protocolos não prometem diagnóstico para a amostra de corpos sob os microscópios da palavra. A falta de um laudo leal fala o plano de aula como *performance*. Dança é o tema. A hipótese.





Este livro foi composto em Garamond e
impresso em papel pólen soft 80 g/m² em
setembro de 2021 para a Editora Penalux.

